Em toda a primeira parte perpassam sentimentos confusos de revolta, alucinação e visões da terra, sugeridos no decorrer de uma travessia aventurosa, cheia de tempestades, tufões e calmarias.

O primeiro numero da 3.ª suite "Impressão Ibérica" evoca o espírito religioso de que estavam impregnados os navegantes das caravelas quinhentistas. A primeira parte desse número representa os canticos e dansas ibéricas, seguindo-se a marcha religiosa das solenidades liturgicas celebradas nas caravelas durante a travessia e, finalmente, a antevisão do Brasil heroico.

O trecho intitulado "Festa nas Selvas", é o momento em que os navegantes descortinam terra, cheios de esperança e "Ualalocê" a visão da selvageria dos habitantes da terra desconhecida.

O ambiente da segunda parte é baseado em temas ameríndios recolhidos por Jean de Lery e outros navegantes e historiadores estrangeiros e tambem em têmas gravados pelas expedições cientificas realizadas no interior das selvas brasileiras — e ainda nas observações pessoais do autor, fixadas "in-loco", durante as suas grandes viagens pelo interior do Brasil.

O primeiro número da quarta suite, denominado "Procissão da Cruz", descreve o momento em que é transportado o grande Jequitibá com que se fez a cruz para a celebração da primeira missa no Brasil.

Villa-Lobos conseguiu aí um efeito magnífico, contrapondo um têma indígena — em que se lastima monotonamente a queda das grandes arvores da floresta — a um outro têma religioso, atribuido a Santo Ambrozio. Para a celebração da missa, Villa-Lobos compoz um grande côro duplo a sêco, sendo o primeiro, masculino, baseado no têma do "Kyrie" gregoriano e o segundo, feminino, numa combinação de vários têmas ameríndios, escritos sobre o texto de um linguajar tupí-guaraní.

"DESCOBRIMENTO DO BRASIL" é formado pelas seguintes suites:

1.ª — a) — Introdução
b) — Alegria

2.ª — a) — Impressão Moura
b) — Adagio Sentimental
c) — A Cascavel

3.ª — a) — Impressão Ibérica
b) — Festa nas selvas
c) — Ualalocê (Visão dos Navegantes)

4.ª — a) — Procissão da Cruz
b) — Primeira Missa no Brasil
c) — Final

Dessa magestosa obra sinfonica, que é o "DESCOBRIMENTO DO BRASIL", ouviremos no segundo concerto toda a Terceira Suite, composta em 1937.

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Temporada Oficial de 1942, da Prefeitura do Distrito Federal

II

DOIS CONCERTOS POPULARES

DE OBRAS SINFONICAS DE

H. VILLA-LOBOS

Em primeira audição no Brasil

sob o alto patrocinio do Ministério da Educação

ORQUESTRA DO TEATRO MUNICIPAL

Sob a regência do autor

H. VILLA-LOBOS

DOIS CONCERTOS POPULARES

DE OBRAS SINFÔNICAS DE

H. VILLA-LOBOS

Em primeira audição no Brasil

ORQUESTRA DO TEATRO MUNICIPAL

Sob a regência do autor

COMISSÃO DE INTELECTUAIS PRÓ-CONCERTOS VILLA-LOBOS

Ministro Gustavo Capanema
Desembargador Leopoldo Duque Estrada
Sr. Herbert Moses
Sr. Afranio Peixoto
Sr. Manuel Bandeira
Sr. Ribeiro Couto
Sr. Murilo Araujo
Sr. Brasilio da Cunha Luz
Sr. J. Itiberê da Cunha
Prof. Otavio Bevilacqua
Ministro Ataulpho de Paiva
General Parga Rodrigues
Sr. Carlos Drummond de Andrade
Sr. Heitor Beltrão
Sr. Abgar Renault
Sr. Tasso da Silveira
Sr. Roberto Marinho
Sr. Andrade Muricy
Sr. Antonio Bento
Sr. Oscar Rocha

1.º CONCERTO

Quarta-feira, 15 de Julho de 1942, às 21 horas.

PROGRAMA

I — BACHIANAS BRASILEIRAS N.º 4
a) — Preludio (Introdução) (1941)
b) — Coral (Canto do Sertão) (1941)
c) — Aria (Cantiga) (1935)
d) — Dansa (Miudinho) (1930)
II — CHÔROS N.º 9 (1929)
III — RUDEPOÊMA (Orquestrado em 1932)

2.º CONCERTO

Sábado, 18 de Julho de 1942, às 21 horas

PROGRAMA

I — TERCEIRA SUITE DO "DESCOBRIMENTO DO BRASIL" (1937)
a) — Impressão Ibérica
b) — Festa nas selvas
c) — Ualalocê (Visão dos Navegantes)
II — CHÔROS N.º 6 (1926)
III — CHÔROS N.º 11 (1928)
(Para Piano e Orquestra)
Solista: **JOSÉ VIEIRA BRANDÃO**

VILLANI & FILHOS - UBALDINO DO AMARAL 78-82 RIO

JOSÉ VIEIRA BRANDÃO

BACHIANAS BRASILEIRAS N.º 4 — H. Villa-Lobos assim define o espírito das várias obras que creou sob a denominação de "Bachianas Brasileiras":

"É um gênero de composição musical baseada na constante familiaridade com a grandiosa obra de João Sebastião Bach e tambem na expontânea afinidade do ambiente melódico, harmônico e contrapontístico dessa obra com uma das principais modalidades da música folclórica do nordeste do Brasil".

As Bachianas Brasileiras constituem uma série de composições inspiradas no ambiente musical de Bach, que o autor considera "uma fonte folclórica universal, rica e profunda como o material sonoro de todos os povos, servindo Bach como uma espécie de élo e intermediario do espírito musical entre todas as raças".

Para Vila-Lobos, a "música de Bach vem do infinito astral, infiltrando-se na terra e se reproduzindo nas várias partes do globo terrestre, com tendência a universalizar-se".

O conjunto das BACHIANAS BRASILEIRAS — obra cíclica de grande envergadura — está assim constituido:

Bachianas Brasileiras N.º 1: — para orquestra de violoncelos

a) — Introdução (Embolada)
b) — Preludio (Modinha)
c) — Fuga (Conversa)

Bachianas Brasileiras N.º 2: — para orquestra de camera.

As "Bachianas Brasileiras N.º 2 para orquestra de camera, em 4 partes, é uma série de quatro peças que evocam estéticamente alguns panoramas sugestivos e típicos da vida do Brasil".

a) — Preludio (O Canto do capadócio)
b) — Aria (O Canto da nossa terra)
c) — Dansa (Lembrança do sertão)
d) — Tocata (O Trenzinho do caipira)

Bachianas Brasileiras N.º 3 — para piano e orquestra de camera.

Bachianas Brasileiras N.º 4 — para piano solo ou orquestra.

a) — Preludio — (Introdução)
b) — Coral (Canto do sertão)
c) — Aria (Cantiga)
d) — Dansa (Miudinho)

Bachianas Brasileiras N.º 5 — para canto e violoncelo Aria — Cantilena.

Bachianas Brasileiras N.º 6 — para flauta e fagote.

As Bachianas Brasileiras N.º 4, que iniciam o primeiro concerto, foram anteriormente escritas para piano e posteriormente orquestradas, entre os anos de 1930 e 1941.

O "Preludio" (Introdução) desta suite é um numero em que mais se concretiza o espírito de Bach, sempre no ambiente caracteristico que evóca o sentido melódico da modinha antiga brasileira.

A particularidade mais interessante do 2.º número "Coral" (Canto do Sertão) encontra-se num pedal obstinado que sugére o pio agudo da araponga ecoando na amplitude serena e quente do sertão.

A "Aria" (Cantiga) é baseada sobre um têma do sertão da Paraíba do Norte, ambientado em fórma de marcha cadenciada, contrapontada numa progressão de baixos que se aproxima da atmosféra musical de Bach.

Finalmente, a "Dansa" (Miudinho) caracteriza-se por uma acentuação rítmica, que lembra o cadenciado do arrastar de pés dos caboclos do sertão da Baía ao dansarem o miudinho, em contraste com um pedal dos baixos que faz concretizar a fórma do pedal grave de Bach nas suas grandes obras de orgão.

CHÔROS N.º 9: — Dentro do panorama geral da música brasileira e dentro da própria obra vultuosa e complexa de Villa-Lobos, é preciso destacar essa série de composições que ele denominou "Chôros".

Impregnada da sugestão do gênero popular denominado Chôro — que abrange as criações caracteristicas de pequenos conjuntos populares instrumentais, com ou sem solista, e típicamente seresteiros — essa obra ciclópica de Villa-Lobos constitue uma síntese admiravel, no mais alto gráu de transfiguração, dessa variada modalidade da música nacional, tendo como principais elementos o rítmo e um ou outro desenho melódico caracteristico, que nela surgem às vezes, incidentalmente. Os processos harmônicos e contrapontísticos são quasi uma estilisação do próprio original e fixam ambientes de autêntica brasilidade.

Êsses "Chôros", em numero de 14, foram escritos para violão, piano, flauta e clarinete, pequenos conjuntos orquestrais, grande orquestra, orquestra e côros, piano e orquestra, orquestra e banda e ainda orquestra, banda e córos. São em grande parte completamente desconhecidos no Brasil, principalmente os de maiores proporções, embora alguns tenham sido executados na Europa e Estados Unidos.

Em primeira audição ouviremos, nesses dois concertos, os "Chôros" n.ºs 6,9 e 11" para piano e orquestra.

Esse conjunto monumental, do ponto de vista psicológico, talvez constitúa a parte mais representativa da obra de Villa-Lobos.

Como solista do "Chôros n.º 11" apresentar-se-á o brilhante artista brasileiro José Vieira Brandão, que vem se dedicando ao estudo da vasta obra pianística de Villa-Lobos, sendo considerado por esse compositor, um dos seus grandes interpretes.

RUDEPOEMA — Escrito para piano solo, entre os anos de 1921 e 1926, é dedicado ao pianista Arthur Rubinstein e procura fixar nas suas páginas tumultuosas a personalidade arrebatadora desse grande virtuose, constituindo assim uma espécie de perfil musical psicológico, sentido e transfigurado pela sensibilidade do artista brasileiro.

A edição original da versão pianística traz a seguinte dedicatória a Arthur Rubinstein:

"Meu sincero amigo".

Não sei si consegui assimilar com perfeição a tua alma com esse Rudepoêma. Mas juro-te, com toda a sinceridade, que tenho a impressão no meu espírito de ter gravado o teu temperamento e de ter reproduzido maquinalmente como uma fotografia".

RUDEPOÊMA foi orquestrado posteriormente, em 1932. E os recursos orquestrais valorisaram enormemente a versão original para piano.

DESCOBRIMENTO DO BRASIL — Inspirado no episódio histórico da nossa descoberta, é constituido por quatro grandes suites que nele se fundamenta, muito embora existam poucos documentos da música portuguêsa daquela época, segundo vários musicólogos e historiadores e conforme declara Teófilo Braga no prefácio do seu "Cancioneiro da Música Popular", editado na cidade do Porto em 1895.

Impregnado profundamente do espírito do curioso documento histórico que são as cartas de Pero Vaz Caminha e do rei D. Manoel, Villa-Lobos procurou dar-lhes diversas interpretações musicais e criou uma interessante série de ambientes em torno dos episódios e dos personagens que nelas figuram.

É dividida em duas grandes partes essa obra musical, sendo que a primeira descreve a viagem das caravelas comandadas por Pedro Alvares Cabral e a segunda os fatos e incidentes passados já em terra brasileira, desde o desembarque até o regresso a Portugal.

Tendo procurado penetrar fundo no espírito da carta de Pero Vaz Caminha, Villa-Lobos poude crear trechos musicais que completassem o panorama geral da obra — como o denominado "Alegria" da primeira suite em que se sente a nostalgia da terra luzitana e as saudades dos cantos e das festas populares. Assim tambem, na segunda suite, a "Impressão Moura" e o "Adagio Sentimental" traduzindo as saudades que os fidalgos navegantes sentiam da pátria longínqua.